

ELA

Associação dos Deficientes das Forças Armadas

Propriedade, Administração e Redacção
ASSOCIAÇÃO DOS DEFICIENTES DAS FORÇAS ARMADAS
Palácio da Independência — Largo de S. Domingos — LISBOA
Director: António J. Lavouras Lopes

Composto e Impresso nas oficinas
TIPOGRAFIA-ESCOLA DA A. D. F. A.
Rua da Artilharia 1

Editorial

Em quase todos os países, nos períodos pós-guerra, em que os mesmos estiveram envolvidos, foram criadas Associações de ex-militares deficientes, que, embora diferindo no nome, tinham os mesmos objectivos, ou seja, desenvolver esforços no sentido de os deficientes serem integrados nas respectivas sociedades, facultando-lhes os meios necessários. Para além da própria existência dos deficientes, as Associações, surgem essencialmente porque esses mesmos deficientes necessitam de ser reabilitada e integrados e porque os seus países não dispõem geralmente das estruturas necessárias, isto até porque as guerras surgem sem as nações estarem preparadas para reparar os males que elas provocam, muito embora estejam sempre preparados para a guerra, através de potencial militar e bélico de que todas dispõem.

As Associações de deficientes de guerra têm sempre um dedo de acusação apontado para quem desencadeou a guerra e outro para quem deve reparar os males da guerra e não o faz.

Eis a razão porque as associações de deficientes são, geralmente, muito incómodas e os governos se preocupam com as acusações daquele que sentiram no corpo e no espírito continuam a sentir os erros das sociedades e dos governantes.

Mas, aqui, que temos já uma certa prática e um conhecimento bastante profundo dos deficientes e dos seus anseios, porque somos nós, deficientes, que nos expressamos por nós próprios, apontamos uma sugestão para pôr termo às preocupações dos governantes — resolvam os problemas da reabilitação e integração sócio-profissional dos deficientes numa forma efectiva e as associações de carácter reivindicativo e incomodativo reduzirão muito a sua voz e extinguirão mesmo se o Estado cumprir integralmente os seus deveres — nessa altura nem se justificará a existência de associações de deficientes.

Existem pessoas, e certamente não apenas na sociedade portuguesa, que estão convencidas que os deficientes se organizam em associações para contestarem e terem uma actuação política, utilizando-se de termos como marginalizados, desfavorecidos, etc., apenas para sensibilizar as pessoas e salvaguardar a sua actuação, tal como pensam dos trabalhadores quando organizados em sindicatos. Quem assim pensa, pelo menos em Portugal, não é a grande massa do povo trabalhador, disse temos provas sobejas e autoridade para afirmá-lo. Quem neste país se sente incomodado com a actuação das associações de deficientes está totalmente desfasado do sentido colectivo do povo português e dos seus interesses, está sim sincronizado com outros interesses que aos desse mesmo povo português são bem opostos.

A ADFA, com mais de 5 700 sócios inscritos neste momento e com o apoio constantemente comprovado do povo deste país, sentindo o seu pulsar e o seu sentir, porque dele faz parte integrante, tem a sua voz perfeitamente sincronizada, como sempre teve e continuará a ter, com a voz da razão e da justiça do povo português.

O Governo — Os Deficientes

A Responsabilidade — A Reabilitação

Quando da apresentação do Programa do Governo à Assembleia da República, o Primeiro Ministro não ignorou a situação dos deficientes, aludiu antes com clareza, às grandes tarefas a realizar para pôr fim à marginalização a que os deficientes estão votados.

Eis o capítulo dedicado aos deficientes e à reabilitação.

DEFICIENTES: REALIDADE ATÉ HOJE ESCAMOTEADA

Reabilitação de Deficientes

A marginalização a que foram votados os deficientes é uma das consequências mais marcantes da política anti-social de que o Povo Português foi vítima. Agressões económicas, sociais, políticas e psicológicas de toda a ordem, produzidas no decurso de cinco décadas, figuram entre as mais fortes razões contribuintes de um contingente de deficientes que se estima em número que atinge centenas de milhares. Esta realidade, até hoje escamoteada, não irá continuar a ser ignorada e o Governo procura enfrentá-la com a decisão e vigor que o problema requer;

No quadro das estruturas que nos foram legadas — e que os sucessivos Governos Provisórios não encontraram forma de significativamente melhorar — surgem-nos:

- Algumas subestruturas de serviços públicos, pouco eficazes, diminuídos pela sua atomização, e degradados na maioria dos casos;
- Pequenos e médios «feudos» privados de carácter assistencial, no pior sentido do termo, actuando, por vezes, em oposição aos interesses dos próprios deficientes;
- Centros sectoriais, de índole diversa, trabalhando a custos inaceitáveis face aos resultados obtidos;
- Várias instituições sem fins lucrativos, de prestação de serviços que, não obstante o relativo mérito do trabalho produzido, não conseguem dar resposta satisfatória senão a uma íntima parcela das situações de carência.

A reabilitação e integração social dos deficientes implicam um processo complexo, cujo pressuposto de

eficácia reside na interligação e complementarização das acções em que se traduz — médicas, educativas, de formação profissional e de trabalho, de segurança e equipamentos sociais — em ordem ao aproveitamento integral das capacidades residuais em cada tipo de deficiência, e de cada tipo de deficiência, e de cada deficiente de per si.

Desta forma, a reabilitação dos deficientes portugueses de qualquer natureza, incluindo os deficientes das Forças Armadas e os acidentados do trabalho, só poderá ser efectuada através de um organismo de composição pluridepartamental que planifique, coordene e articule as acções a cargo dos serviços a que for cometida a execução dos programas previamente definidos.

Esse organismo foi criado pelo Decreto-Lei n.º 425/76, de 29 de Maio, que confere à Comissão Permanente de Reabilitação (CPR), colocada na dependência da Presidência do Conselho, amplos poderes de intervenção.

Assim, e cumprindo, aliás o disposto no artigo 71.º da Constituição, o Governo afirma a sua decisão de efectivar, através da CPR, uma genuína política de reabilitação e integração social de deficientes, esta comissão de meios humanos materiais e financeiros necessários ao cumprimento da missão a que está adstrita e procurando dar seguimento aos planos, programas e medidas que a mesma elaborar.

(Continua na pág. 5)

VIDA ASSOCIATIVA

Ler na página 6

PÁGINA CULTURAL

Página inteiramente dedicada a BERTOLT BRECHT

Ler na página 3

REPORTAGEM

FUNDAÇÃO SAIN

Ler nas páginas 4 e 5



QUAL É A CORRECTA?

Prosseguindo esta rubrica indicada no número anterior, apresentamos aos nossos leitores uma nova série de perguntas, onde porão à prova os conhecimentos adquiridos, e alguns se «despertarão» do fundo em que «dormiam».

Embora ainda não tenhamos recebido qualquer crítica a esta rubrica estamos em crer que a mesma é do agrado geral.

1 — 5 de Outubro de 1910 é uma data que assinala:

- a) Invenção do aeroplano
- b) Início da 1.ª Guerra Mundial
- c) Implantação da República Portuguesa

2 — Nos seis Governos Provisórios houve:

- a) Três 1.º Ministros
- b) Seis 1.º Ministros
- c) Quatro 1.º Ministros

3 — A peça teatral «Os Canhões da Noite» é da autoria de:

- a) Bertolt Brecht
- b) Bernardo Santareno
- c) Bernard Shaw

4 — O primeiro secretário-Geral da FRELIMO foi:

- a) Samora Machel
- b) Eduardo Mondelane
- c) Joaquim Chissano

— Apenas uma das obras literárias enunciadas é da autoria de Máximo Gorki?

- a) Guerra e Paz
- b) A Matilha
- c) A Mãe

6 — «Enteremia» significa:

- a) Hérnia abdominal
- b) Congestão sanguínea nos intestinos
- c) Ebolia cerebral

7 — A data «7 de Setembro» invoca:

- a) Independência do Brasil
- b) Golpe fascista no Chile
- c) Fim da 2.ª Guerra Mundial

8 — O Mosteiro da Batalha foi mandado edificar para comemorar:

- a) Batalha de Aljubarrota
- b) Início dos Descobrimentos
- c) Subida de D. João I ao trono

9 — «Com as Minhas Tamanquinhas» é um trabalho musical da autoria de:

- a) José Barata Moura
- b) José Jorge Letria
- c) José Afonso

10 — O Jornal ELO comemorará o seu 2.º aniversário no dia:

- a) 23 de Novembro
- b) 1 de Dezembro
- c) 20 de Dezembro

1 — C); 2 — a); 3 — a); 4 — b); 5 — C); 6 — B); 7 — a); 8 — a); 9 — c); 10 — a).

R E S P O S T A S :

O P I N I Ã O

Deficientes

— direito à vida

Qualquer pessoa sabe que um deficiente está um tanto limitado. Contudo existem aparelhos para que os deficientes possam fazer o seu dia-a-dia como qualquer outra pessoa.

A sociedade tem por obrigação proporcionar os meios necessários para que o deficiente se possa valer por si mesmo saindo do «ghetto» onde o querem encerrar.

É lamentável que os governos se preocupem tão pouco com os deficientes seja qual for a causa da sua incapacidade.

Se atendermos bem ao que se passa veremos que uma elevada percentagem dos dinheiros dos governos são gastos em armamento.

Há maior (muito maior) número de sábios, técnicos, engenheiros, etc., a dedicarem-se ao belicismo do que a tentar melhorar a vida dos «pobres mortais».

Contudo algo de positivo já existe e não queremos deixar de fazer a referência que merece.

Há cinco anos foi inaugurada em Londres um Centro de Artigos Auxiliares da Fundação de Pessoas Inválidas. O referido centro tem em exposição mais de 200 dispositivos cuidadosamente seleccionados para ajudar as pessoas deficientes.

Este centro reivindica ser o primeiro do género em todo o mundo e muitas pessoas e organismos ali se têm deslocado à procura de informações a fim de criarem centros semelhantes nos respectivos países.

Assim a Austrália e a Nova Zelândia, por exemplo, figuram entre os primeiros países com projectos planeados de centros deste género e é muito provável que os Estados Unidos da América e o Canadá sejam os próximos pois mostram-se muito interessados.

Apesar de todos estes projectos se inspiram no que em Londres já é uma realidade, cada centro será inteiramente independente e seguirá as linhas de funcionamento adequadas ao país onde por estabelecido.

Pensa-se que anualmente cerca de 9 000 pessoas visitem o centro. Os funcionários do mesmo estão aptos a prestar qualquer informação e realizar as demonstrações necessárias. A essas demonstrações assistem médicos, funcionários dos serviços de saúde, deficientes e familiares e todas as outras pessoas interessadas.

FACILIDADES

No centro são exibidos desde os artigos mais simples aos equipamentos mais sofisticados todos eles com a função específica de facilitar a vida àqueles que por, qualquer motivo, viram as suas capacidades reduzidas. Existem desde os mais simples mecanismos que voltam as páginas dos livros até aos grandes elevadores que levantam as pessoas das cadeiras de rodas ou de dentro das banheiras. Existem também camas articuladas que permitem aos ocupantes colocarem-se em várias posições com o simples pressionar, de um botão. Há também camas destinadas a certo tipo de deficientes que lhes permite levantarem-se da

posição horizontal sem qualquer ajuda.

Um dos artigos mais simples, mas que não deixa de ser bastante engenhoso, é um que se coloca no dedo como qualquer anel, mas que, em vez de uma pedra preciosa contém uma lente de aumento para as pessoas com falta de vista.

Pelos exemplos atrás descritos poderemos concluir que não se descurou nenhum aspecto da vida diária.

Há um artigo para cada deficiência. Os passatempos também não foram esquecidos havendo bastantes artigos para esse fim. No Centro podem-se observar artigos concebidos para pessoas que sofrem de artrite, mesmo em cadeiras de rodas, possam fazer jardinagem.

VENCER A DEFICIÊNCIA

Entre as demonstrações efectuadas pelos funcionários do Centro já descritas, existem outras que se destinam aos fabricantes dos diversos utensílios, pois deste modo evitam-se trabalhos desnecessários.

O Centro deve a sua existência a uma oferta de 50 000 libras feita através de um organismo de beneficência, mas as suas actividades são sobretudo financiadas pelo Departamento de Saúde e Segurança Social da Grã-Bretanha.

À parte das explicações o Centro realiza cursos diários sobre matérias como «O uso de elevadores» e «O uso de cadeiras de rodas para adultos».

Os variados projectos levados a cabo pelo Centro incluem estudos sobre vestuário apropriado, jardinagem, etc. Há um projecto de três anos dedicado a fazer música mais acessível para crianças deficientes.

Uma das mais recentes realizações é um filme intitulado «Não só espectador» que, segundo se espera, fomentará maiores facilidades recreativas para os deficientes.

Há um serviço informativo que responde anualmente a umas 10 000 perguntas e já foram publicados vários livros sobre a forma de enfrentar os «múltiplos aspectos da deficiência».

É pena que o nosso país esteja a «leste» destas organizações. Cremos que não é demais lembrar que em, sensivelmente, nove milhões de portugueses, cerca de um milhão são deficientes.

Na sociedade nova que todos pretendemos, os deficientes não poderão continuar a ser «esquecidos».

No programa do Governo está bem exposto que os problemas dos deficientes, seja qual for a sua origem, terão que ser resolvidos através da Comissão Permanente de Reabilitação.

Ainda na mesma parte do programa governamental é afirmado que «através da CPR se irá efectivar uma genuína política de reabilitação e integração social de deficientes, para o efeito, esta comissão de meios humanos, materiais e financeiros necessários ao cumprimento da missão que lhe está adstrita».

O que acontece é que a C. P. R. criada ao abrigo do Decreto-Lei n.º 425/76 de 29 de Maio, lamentavelmente ainda não funciona.

PÁGINA CULTURAL

A POESIA É A ARTE-VIVA. A SUA ASSIMILAÇÃO, ALÉM DE INSTRUTIVO, PROVOCA-NOS REACÇÕES FACILMENTE COMPREENSÍVEIS QUANDO, LIDA OU ESCUTADA ATENTAMENTE, COM O ESPÍRITO ABERTO À CRÍTICA. A OBJECTIVIDADE E PROFUNDIDADE QUE A POESIA ADQUIRE, VARIA COM O POETA. A POESIA, COMO QUALQUER OUTRA FORMA DE ARTE, TEM DUAS OPÇÕES: — OU ESTÁ A FAVOR DO POVO, DO POVO TRABALHADOR E EXPLORADO; OU ESTÁ CONTRA ESTE A FAVOR DOS EXPLORADORES. PODEREMOS AINDA CONSIDERAR A POESIA QUE NÃO DEFENDE NEM ATACA NENHUMA CLASSE, ISTO É, A POESIA ROMÂNTICA OU NÃO INTERVENCIONISTA.

HOJE A LITERATURA DEIXOU DE PODER SER INOCENTE. ELA TEM QUE SER OBJECTIVA E PÔR-SE AO SERVIÇO DA EMANCIPAÇÃO POPULAR.

PARA MELHOR COMPREENSÃO DA ARTE POÉTICA E A SUA FUNÇÃO, CITAMOS MAIAKOVSKI QUE NOS AFIRMA:

PRIMEIRO / É PRECISO / TRANSFORMAR A VIDA / PARA CANTÁ-LA / EM SEGUIDA.

É ESTA «TRANSFORMAÇÃO DA VIDA», DA MANEIRA DE PENSAR E AGIR QUE NÓS PRETENDEMOS LEVAR A TODOS COM A DIVULGAÇÃO DE POETAS, CONSAGRADOS OU NÃO, ATRAVÉS DESTA RUBRICA DO NOSSO «ELO».

CABE-NOS DIZER QUE É NOSSA INTENÇÃO, DIVULGARMOS SEMPRE, PELO MENOS, UM POETA NACIONAL NESTA RUBRICA.

Não é a primeira vez que apresentamos aos nossos leitores poemas de Bertolt Brecht. Neste número dedicar-lhe-emos toda a página. A razão é o vigésimo aniversário da sua morte.

Muito se tem dito e muito se continuará a dizer deste anti-fascista, poeta e dramaturgo.

Filho de burgueses de que cedo se separou; educado no protestantismo, que cedo renegou; militar a contragosto que se viu obrigado a cuidar dos feridos da guerra que detestava; Bertolt Brecht é dos maiores escritores contemporâneos. A sua crítica profunda e objectiva contra a corrupção, o crime sistemático, o obscurantismo e todas as outras nefastas consequências que a ditadura nazi-fascista encerra, são punhais que ferem a camarilha que «governava» o povo alemão e arrastou para o maior holocausto da história. A poesia de Brecht não se limita a revoltas ou indignações individuais contra pessoas ou instituições, ela não se encoleriza — ridiculariza. Não se indigna — propõe reflexões. Não pede sentimentos — pede mudanças.

Pela coerência do seu pensamento e atitudes e pela firme determinação de nunca vergar perante o monstro, teve que viver quinze anos exilado. Por tal motivo teria afirmado em certa altura que «andava mudando mais vezes de país que de sapatos.»

Apesar do seu anti-fascismo, está comprovado que nunca militou em nenhum partido. A sua obra sofreu muitas vezes, tanto aplausos, como críticas do mundo «oriental». Após o fim da guerra Bertolt Brecht, fixou residência em Berlim-Leste onde morreu a catorze de Agosto de 1956.

Antes do 25 de Abril falar-se em Brecht era cometer um «pecado mortal». Hoje as suas peças teatrais e os seus poemas são divulgados felizmente, podemos apreciar devidamente a sua vasta obra. Só é pena que ainda haja tão poucas traduções deste importante autor.

Não queremos aqui fazer um elogio fúnebre ou levarmos os nossos leitores a «ver» em Brecht um herói. Não é essa a nossa intenção, até porque para o próprio Brecht a concepção de Bem e Mal, de Bom e Mau, de Herói ou não, era muito diferente. Para ele o Bem era tudo aquilo que era útil, tudo aquilo que fosse objectivo. O herói como personagem «pintado» nas histórias para ele não existia. A prova poderá ser tirada ao analisarmos um dos seus poemas que poderá ser «PERGUNTAS DE UM OPERÁRIO LETRADO» que divulgamos. Muito mais haveria que dizer, mas a poesia de Bertolt Brecht é bastante elucidativa.

ELOGIO DA DIALÉCTICA

*A injustiça avança hoje a passo firme.
Os tiranos fazem planos para dez mil anos.
O poder apregoa: as coisas continuarão a ser como são.
Nenhuma voz além da dos que mandam.
E em todos os mercados proclama a exploração: isto é apenas o meu começo.
Mas entre os oprimidos muitos há que agora dizem:
Aquilo que nós queremos nunca mais o alcançaremos.*



BERTOLT BRECHT
Os homens morrem
as obras ficam

*Quem ainda está vivo nunca diga: nunca.
O que é seguro não é seguro.
As coisas não continuarão a ser como são.
Depois de falarem os dominantes Falarão os dominados.
Quem pois ousa dizer: nunca?
De quem depende que a opressão prossiga? De nós.
De quem depende que ela acabe? Também de nós.
O que é esmagado, que se levante!
O que está perdido, lute!
O que sabe ao que se chegou, que há aí que o retenha?
Porque os vencidos de hoje são os vencedores de amanhã.
E nunca será: ainda hoje.*

JORNAL

« E L O »

CAMPANHA

DE DIVULGAÇÃO E

ASSINATURAS

COLABORA

PERGUNTAS DE UM OPERÁRIO LETRADO

*Quem construiu Tebas, a das sete portas?
Nos livros vem o nome dos reis.
Mas foram os reis que transportaram as pedras?
Babilónia, tantas vezes destruída,
Quem outras tantas a reconstruiu?
Em que casas
Da Lima dourada moravam seus obreiros?
No dia em que ficou pronta a Murralha da China para onde
Foram os seus pedreiros? A grande Roma
Está cheia de arcos de triunfo.
Quem os ergueu? Sobre quem
Triunfaram os Césares? A tão cantada Bizâncio
Só tinha palácios
Para os seus habitantes? Até a legendária Atlântida
Na noite em que o mar a engoliu
Viu afogados gritar por seus escravos.*

*O jovem Alexandre conquistou as Índias
Sozinho?
César venceu os gauleses.
Nem sequer tinha um cozinheiro ao seu serviço?
Quando a sua armada se afundou
Filipe de Espanha
Chorou. E ninguém mais?
Frederico II ganhou a Guerra dos Sete Anos.
Quem mais a ganhou?*

*Em cada página uma vitória.
Quem cozinhava os festins?
Em cada década um grande homem.
Quem pagava as despesas?*

*Tantas histórias
Quantas perguntas.*

ALGUMAS PERGUNTAS A UM «HOMEM BOM»

*Bom, mas para quê?
Sim, não és venal, mas o raio
Que sobre a casa cai também
Não é venal.
Nunca renegas o que disseste.
Mas que disseste?
És de boa fé, dás a tua opinião.
Que opinião?*

*Tens coragem.
Contra quem?
És cheio de sabedoria.
Para quem?
Não olhas aos teus interesses.
Aos de quem olhas?
És bom amigo.
Sê-lo-ás do bom povo?*

*Escuta pois: nós sabemos
Que és nosso inimigo. Por isso vamos
Encostar-te ao paredão. Mas em
consideração
Dos teus méritos e das tuas boas
qualidades
Escolhemos um bom paredão e vamos
fuzilar-te com
Boas balas atiradas por bons fuzis
e enterrar-te com
Uma boa pá debaixo da terra boa.*

**COLABORA
NA PÁGINA
CULTURAL**

FUNDAÇÃO RAQUEL

Dentro do espírito que anima este jornal, no sentido de levar ao conhecimento dos seus leitores, o que no nosso País existe sobre reabilitação para deficientes, deslocou-se uma equipa de reportagem à Fundação Raquel e Martin Sain.

Esta Fundação é a pioneira na reabilitação de cegos no nosso País e uma das primeiras, do género, na Europa Ocidental.

Na sequência da conversa travada com a directora daquela Fundação — D. Maria das Dores — ficámos a saber que, em princípio o Centro de Reabilitação da Fundação Sain, foi criado para reabilitar cegos recentes aplicando as técnicas americanas, que na altura se poderiam considerar as mais avançadas neste campo específico.

Posteriormente, e dadas as constantes solicitações por parte de cegos congénitos, o Centro abriu as suas portas a este sector de deficientes, tendo em conta que para eles mais não existia que asilos e casas caridosas onde tudo era feito menos a sua reabilitação e consequente reintegração na sociedade.

existia, do género, ou se existisse era muito pouco.

Não só os franceses nos visitaram como também recebemos delegações de outros países incluindo os americanos que nos primeiros tempos nos guiaram.



Aspecto de uma oficina em funcionamento (Foto - Estúdio ADFA)

A FUNDAÇÃO AO SERVIÇO DE TODOS

— Em princípio a Fundação Sain apenas recebia cegos recentes. Cremos que presentemente essa fase já foi ultrapassada.

— Como atrás referi a Fundação apenas recebia, em princípio, cegos recentes, mas com o alargamento das instalações e as constantes solicitações, abrimos as nossas portas aos cegos congénitos pois estes encontravam-se totalmente abandonados à sua sorte. Ora recolhidos em asilos, onde nada faziam ou esmolando pelas esquinas, entregando a sua subsistência às «almas caridosas» que contribuíam com algumas moedas.

É de salientar que no campo da reabilitação e reintegração social, para cegos, nada existia.

— Quais os circuitos de ingresso e qual a capacidade de resposta, por parte do Centro, às solicitações.

— Vou dividir a sua pergunta em duas partes.

Quando aos circuitos de ingresso, nós temos já elaborado uma circular que é entregue ao candidato, que diz o seguinte:

1— O Centro de Reabilitação da Fundação Sain recebe pessoas total ou parcialmente cegas, em regime de internamento, pelo espaço mínimo de doze semanas. Essas pessoas não pagam nada e não recebem qualquer subsídio da Fundação.

2— Durante o período que permanecem no Centro de Reabilitação, os estagiários têm de aprender a bastarem-se a si mesmos, de modo a poderem tornar-se independentes e a deslocarem-se sozinhos. Isto é-lhes ensinado em aulas diárias. Ao mesmo tempo aprendem, também, um certo número de trabalhos, para desenvolverem a sua habilidade manual, e poderem ficar aptos, a trabalhar no comércio ou na indústria.

3— Terminada a estadia no Centro de Reabilitação, o estagiário regressa à sua casa e o seu nome entra na lista das pessoas a colocar pela Fundação Sain.

4— A Fundação Sain não garante a colocação das pessoas que reabilita. Mas tem um serviço de colocações que procura empregar as referidas pessoas, de harmonia com as provas dadas durante o seu estágio no Centro de Reabilitação.

Os candidatos a estagiários deverão apresentar os seguintes documentos:

— Memorial com nome, idade, estado, filiação e morada.

— Duas fotografias (tipo-passe) e Bilhete de Identidade.

— Atestado médico comprovativo de cegueira.

— Atestado médico comprovativo de que se encontra em boas condições de saúde física e mental, e não possui qualquer outra deficiência além da cegueira.

— Boletim individual de saúde com datas recentes de vacinação:

— Anti-variólica.

— Anti-tetânica.

— Resultados de análises V. D. R. L. e Urina tipo II.

— Micro-radiografia.

A segunda parte da pergunta que referia à capacidade de resposta... Bom é pena realmente mas não podemos dar vazão aos pedidos que recebemos.

No nosso país, se não estou em erro, apenas existe mais um centro do género e os cegos são muitos.

Posso dizer-vos que pelo nosso centro já passaram cerca de 500 invisuais todos eles devidamente reabilitados.

É algo, mas ainda é muito pouco para a enorme quantidade de cegos que existe.

Esperamos num futuro próximo termos maior capacidade para podermos atender um maior número de pessoas.

— Apanhando a sua deixa, é possível sabermos o número exacto de cegos existentes no nosso país, e qual a sua origem?

— Concretamente ainda não possuímos dados estatísticos suficientes para respondermos a essa pergunta, mas podemos adiantar que a esmagadora maioria é de cegos congénitos provenientes, principalmente das regiões mais esquecidas do nosso País.

Voltando ao início da questão: a Nossa Fundação, através do recenseamento eleitoral, pós vinte e cinco de Abril, está a tentar saber o número, mais ou menos exacto de cegos existentes no nosso País. Digo um número mais ou menos exacto porque não houve um recenseamento de 100% e na percentagem de não recenseados pode haver alguns cegos, além dos outros que não estavam em idade de recenseamento.

Ainda referente a recenseamento, chegou ao nosso conhecimento um facto de veras lamentável. Um indivíduo cego ao tentar recensear-se, tal foi-lhe negado alegando a comissão recenseadora que estava dispensado pelo facto de ser invisual. Não há dúvidas que este deplorável acto ainda é proveniente da maneira errada como a sociedade trata os seus membros «menos válidos».



Na aula de Culinária (Foto - Estúdio ADFA)

FUNDAÇÃO SAIN — PIONEIRA EM PORTUGAL

ELO — Para um melhor conhecimento dos nossos leitores e para início da nossa conversa gostaríamos que nos explicasse qual a razão do nome da Fundação?

M. D. — A Fundação tem o nome de Raquel e Martin Sain em homenagem aos seus fundadores. O casal Sain, de origem romena, após alguns anos de se ter fixado no nosso País, resolveu, em 1959, legar a Portugal uma obra tão útil quanto necessária.

Em princípio esta Fundação, que foi criada, segundo os moldes americanos, que na altura seriam seguramente os mais avançados neste campo, apenas recebia cegos recentes, pois nesse tempo ainda a Fundação estava em embrião.

Só em 1961 é que se criaram as escolas e oficinas. Portanto a partir daquela data é que a Fundação começou a funcionar em pleno.

ELO — A Fundação Raquel e Martin Sain é a pioneira em Portugal e uma das primeiras do género na Europa Ocidental. Que nos pode dizer acerca desta «classificação»?

M. D. — Como atrás disse aquando da criação da Fundação, nada existia do género no nosso País. Também como já disse as técnicas que serviram de base à nossa Fundação foram as americanas.

O que posso dizer é que essas técnicas foram de tal maneira assimiladas e desenvolvidas que em pouco tempo passámos para a vanguarda.

Foi assim que se deslocou à nossa Fundação uma equipa francesa para que, seguindo os moldes por nós aplicados, criarem um centro congénere no respectivo país.

Creio que na Europa Ocidental nada

FINANÇAS

— As disponibilidades monetárias são de suma importância. Gostaríamos de saber quais os meios de sobrevivência e qual a protecção dispensada pelo estado.

— Em 1959, quando a Fundação foi criada existia uma verba de, creio, 14 mil contos.

É claro que esta verba foi sendo aplicada no sentido de melhorar constantemente a nossa Fundação.

Pós vinte e cinco de Abril o Estado entrou com cerca de 80% das despesas. A partir de 1975 o Estado cobre o déficit da Fundação.

Temos também um subsídio anual dado pela Sacor.

À parte disto as nossas oficinas desenvolvem trabalho, que é remunerado, que produz receita. Temos vários contratos, com o Estado, com a Sacor, com a Cidla, que são os nossos melhores clientes.

Temos bastante necessidade de apoio financeiro pois, para desenvolver um trabalho como o nosso, exige verbas avultadas.

É conveniente não nos esquecermos que os estagiários fazem a sua vida no Centro e não pagam nada, até porque grande parte deles nem tem disponibilidades económicas.

E L E M A R T I N S A I N

O CEGO DEVE BASTAR-SE A SI PRÓPRIO

— Qual tem sido o trabalho desenvolvido, quais as perspectivas para as pessoas reabilitadas e qual a acção desenvolvida neste sentido pela Fundação Sain?

— Até agora o Centro de Reabilitação da Fundação já reabilitou cerca de quinhentas pessoas deficientes visuais.

Já salientei que é um número bastante pequeno, mas infelizmente não temos maior capacidade de resposta para as solicitações.

Quanto às perspectivas dos invisuais reabilitados neste momento são bastante reduzidas. Temos que ter em conta a enorme quantidade de desempregados. A acção principal do Centro consiste principalmente em colocar o reabilitado num local de trabalho, para o qual ele esteja perfeitamente habilitado.

Os programas de reabilitação são feitos de maneira a descobrir a vocação profissional de cada indivíduo. Por isso mesmo o nosso Centro de Reabilitação aplica aos estagiários os ensinamentos que considera mais adequados a este tipo de deficientes.

Como já se disse o invisual após a sua reabilitação entra na lista do Serviço de Colocações que desenvolve todos os esforços para empregar essa indivíduo.

Nas aulas de artesanato são desenvolvidos vários trabalhos, tais como trabalhar com um tear, trabalhos em cerâmica, vergas, etc.

Temos também aulas de carpintaria, englobadas na terapêutica operacional. Nestas aulas o invisual trabalha com máquinas de uma certa perigosidade, contudo, é necessário inculcar-se ao deficiente visual uma certa auto-confiança, que felizmente temos conseguido. Estas aulas contribuem para a destreza e habilidade manual de cada indivíduo. Também nestas aulas são desenvolvidos vários trabalhos. É necessário, e estas aulas muito contribuem, desenvolver-se a coordenação de movimentos.

Como já foi dito, durante todo o tempo de estágio o cego faz a sua vida no Centro, onde, no conjunto de todas as aulas ele aprende a bastar-se a si próprio e a dispensar a ajuda a que normalmente está habituado.

— E com respeito a colocações?

— Pois a este respeito muito já se disse.

Após o estágio há uma reunião com o estagiário onde lhe são apontados os seus defeitos e virtudes e onde se faz uma apreciação às suas capacidades laborais. Depois enviam-se circulares às empresas a fim de se lhe arranjar colocação.

Deve-se dizer que em qualquer indústria existem, muitos postos de trabalho que podem ser ocupados por invisuais.



O cego deve bastar-se a si próprio

(Foto - Estúdio ADFA)

Sempre que existe uma colocação, esta pretende-se que seja o mais próximo possível da residência do colocado, sempre que se pode, é claro.

Visitámos as aulas, falámos com estagiários. Embora longa a nossa entrevista está um tanto incompleta.

As portas estão abertas e a simpatia com que fomos recebidos repetir-se-á.

Lá voltaremos um dia para concluirmos o trabalho agora iniciado.

Antes de nos despedirmos falámos com o dr. Martinho, psicólogo do Centro que nos disse «O invisual ao entrar no nosso centro é sujeito a um exame psicológico. A cegueira atinge a personalidade do indivíduo, mas nós desenvolvemos um trabalho tal que esse «complexo» seja superado».

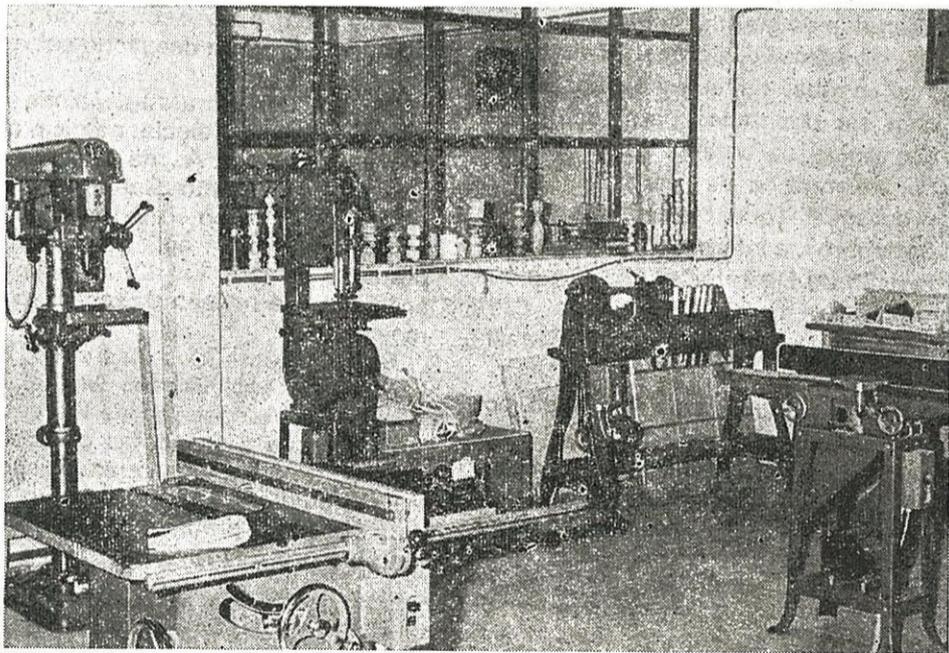
Perguntamos-lhe como aceita um cego a sua deficiência ao que nos respondeu: é preciso distinguir duas espécies de invisuais: os recentes e os congénitos.

Os primeiros são mais fáceis de reabilitar que os segundos.

Muito já se conseguiu. Estamos a desenvolver esforços para conseguirmos muito mais.

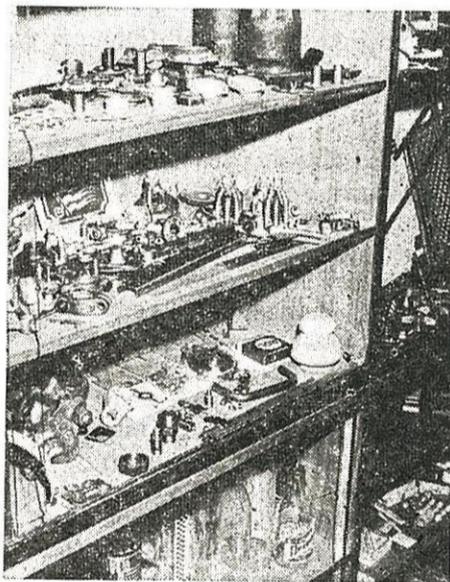
Desejamos precisamente isso. Que se avance o mais possível na reabilitação dos deficientes, invisuais ou não.

O afincio com que todos quantos trabalham na Fundação Sain levam-nos a acreditar que irão muito mais longe.



Oficina de carpintaria

(Foto - Estúdio ADFA)



Todos estes trabalhos são executados por invisuais

(Foto - Estúdio ADFA)

— Pode dar-nos uma panorâmica de como funcionam os cursos de reabilitação?

— Concerteza. Os cursos funcionam à base de aulas. Assim para os indivíduos invisuais do sexo feminino há umas aulas, que lhes são peculiares e para os do sexo masculino outras.

Temos por exemplo as aulas de artesanato. Estas aulas fazem parte da terapêutica ocupacional. Aqui se aprendem a desempenhar as actividades do dia-a-dia.

Nestas aulas são administrados cursos sobre as actividades caseiras, culinária, tratamentos de roupas e outros serviços domésticos.

As estagiárias passam a ter a noção das responsabilidades e a estarem habilitadas a fazerem todos os trabalhos domésticos.

Ainda dentro do programa, terapêutica ocupacional, os estagiários recebem lições sobre comportamento social, e sobre actividades desportivas.

Além de certas normas sociais e serviços caseiros temos ainda o ensinamento de artesanato e jogos.



Aula de Braille. A escrita como forma de comunicação

(Foto - Estúdio ADFA)

Assinar o «ELO» significa estar de acordo com um conjunto de ideias e sobretudo apoiar os Deficientes na SUA LUTA.

Recorte e envie para o JORNAL «ELO» — Palácio da independência — Largo de S. Domingos — LISBOA

QUEIRAM CONSIDERAR-ME ASSINANTE DO VOSSO JORNAL

NOME

MORADA

ANUAL 100\$00

SEMESTRAL 50\$00

Marque com um X no quadrado respectivo.



VIDA ASSOCIATIVA



SECRETARIADO NACIONAL

No dia 11 de Setembro reuniu em Viseu o Secretariado Nacional da Associação.

Os associados tinham a atenção voltada para esta reunião do Secretariado Nacional sobretudo porque aí se iria definir o método de trabalho a utilizar para a Associação conseguir a alteração da redacção do Dec.-lei 43/76. Este órgão nacional da Associação definiu esse mesmo método nesta reunião e nomeou uma comissão para trabalhar em Lisboa, em permanência, exclusivamente neste assunto, pressionando organismos e entidades e mantendo os deficientes informados sobre o andamento das suas demarches.

Nesta reunião foi analisada a questão da sobreposição de competências do Conselho Directivo Central da Associação e do Conselho Directivo da zona de Lisboa, abstendo-se o Secretariado Nacional de clarificar esta situação, adiando essa clarificação para a próxima reunião, rejeitando uma proposta do Conselho Directivo Central. Entretanto realizar-se-ão reuniões em Lisboa entre o Conselho Directivo Central e o Conselho Directivo da Zona de Lisboa, nas quais estará presente uma comissão arbitral constituída por elementos do Secretariado da Zona Norte e elementos do Secretariado da Zona Centro.

O Secretariado Nacional pronunciou-se sobre a acção levada a efeito pelos órgãos da Zona de Lisboa (Conselho Directivo da Zona de Lisboa e Secretariado da Zona de Lisboa) — paralização do Jornal «Elo» e proibição de publicação dos Estatutos da CODEFA criticando a actuação desses órgãos pela abusiva intromissão nos poderes de outro órgão administrativo (C. D. C.), não lhe sendo aplicada qualquer outra punição.

Entre outros assuntos, o Secretariado Nacional, nesta sua reunião pronunciou-se ainda sobre o despedimento de dois trabalhado-

res da Zona de de Lisboa, tendo aceite o recurso dos mesmos e incluído este ponto na agenda de trabalho da próxima reunião; pronunciou-se também sobre as diligências que o Conselho Português para a Paz e Cooperação está a levar a efeito sobre o desarmamento, aconselhando todos os sócios da ADFA a assinar as listas referentes à campanha de recolha de assinaturas para o «Apelo a favor do desarmamento», tendo ainda decidido enviar ao encontro nacional a realizar em Lisboa no dia 18 de Setembro uma delegação da ADFA, assim como foi decidido enviar um representante da ADFA à Hungria. O Secretariado Nacional chamou a si a orientação deste assunto, criticando a actuação anterior do CDZ Lisboa que havia vinculado colectivamente a ADFA, violando os Estatutos. O Secretariado Nacional aprovou uma moção (por unanimidade) a enviar ao Presidente da República e ao Conselho da Revolução, repudiando os atentados bombistas e apoiando a prisão daqueles que os praticam e apoiando ainda as investigações que deverão ser levadas até às últimas consequências.

A próxima reunião ficou marcada para o dia 25 de Setembro em Lisboa, tendo como pontos prioritários a discutir os seguintes:

Legislação, acordo colectivo de trabalho, definição de competência do CDZL e CDC Lisboa e inquérito dos trabalhadores despedidos.

Esperemos, como esperam todos os associados, que a reunião se realize de facto no próximo dia 25 de Setembro e que não aconteça como nas anteriores que acabou por se realizar mais de um mês depois da data marcada trazendo com isso alguns prejuízos para a ADFA e para os associados. Sabemos que os sócios têm os olhos postos neste órgão superior da Associação exigem que ele corresponda com o seu trabalho e com uma correcta orientação da ADFA, defendendo os interesses dos deficientes.

ASSEMBLEIA GERAL DA ZONA DE LISBOA

Realizou-se no dia 28 de Agosto uma Assembleia Geral Extraordinária da Zona de Lisboa. A Assembleia, convocada pelo Secretariado de Zona, havia sido solicitada por um grupo de associados pretendendo que a mesma analisasse a vida associativa da zona de Lisboa, tendo como causa mais próxima a não comparência consecutiva a duas reuniões de trabalho de 3.ª-feira do Conselho Directivo de Zona para orientar as mesmas.

Não podemos apresentar aqui as conclusões da assembleia porque os órgãos responsáveis da Zona de Lisboa ainda não entregaram à redacção do «Elo» o habitual extracto da acta.

REUNIÕES COM OS GRUPOS PARLAMENTARES DA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Dentro dum programa estabelecido pelo Conselho Directivo Central da Associação de contactos com as várias entidades, a fim de as informar objectivamente da realidade da ADFA, foram solicitadas entrevistas aos grupos parlamentares da Assembleia da República. Dois deles concederam as entrevistas, aguardando-se a resposta dos outros, cujos deputados se encontravam de férias, segundo a Associação foi informada na altura.

Assim, realizaram-se reuniões com o representante da UDP e representantes do PCP, aguardando-se a confirmação do PS, PPD e CDS.

A A.D.F.A NO MINISTÉRIO DA DEFESA

MINISTRO DA DEFESA NACIONAL RECEBE REPRESENTANTES DA ADFA

O Ministro da Defesa Nacional, Coronel Firmino Miguel, recebeu, no dia 26 de Agosto, o Conselho Directivo Central da ADFA, a pedido deste tendo sido abordados vários aspectos da Associação e dos deficientes.

Foi a primeira vez que a ADFA, através dos seus representantes, contactou com o novo Ministro da Defesa.

Esta reunião não se limitou apenas a apresentação de cumprimentos ao novo ministro, foram logo tratados vários problemas com que a Associação e os próprios deficientes se debatem.

O Conselho Directivo Central entregou, nesta reunião, a proposta de orçamento da ADFA para o ano de 1977, correspondente às suas necessidades.

Entre os assuntos abordados, considerados de grande importância pelo próprio Ministro, Coronel Firmino Miguel, e que, na sua opinião, deveriam ser orientados para uma solução rápida, salienta-se a necessidade de prorrogação de prazo da revisão processual (que termina dia 24 de Setembro), a interpretação e possível revisão do Decreto-Lei 43/76 e a entrada em funcionamento da CPR (Comissão Permanente de Reabilitação).

Nesta reunião ficou acordado por sugestão do próprio Ministro da Defesa, que este receberá os representantes da ADFA, para reuniões de trabalho, todas as primeiras 2.ªs-feiras de cada mês.

ADJUNTO MILITAR DO PRIMEIRO MINISTRO RECEBE REPRESENTANTES DA ADFA

A Associação havia solicitado uma entrevista ao Primeiro Ministro Dr. Mário Soares. Na impossibilidade de receber os representantes da ADFA, o Primeiro Ministro incumbiu o seu adjunto militar, major Areia, de fazê-lo. Assim, no dia 9 de Setembro, o major Areia recebeu os elementos do Conselho Directivo Central da Associação.

Depois de ser informado sobre a realidade da ADFA e todas as suas actividades, o adjunto militar do Primeiro Ministro mostrou-se surpreendido, pois, segundo afirmou, a imagem que algumas pessoas lhe haviam fornecido sobre a Associação era outra menos favorável.

Nesta entrevista, que se pretendia que fosse concedida pelo Primeiro Ministro, os representantes da Associação preocuparam-se em vincar bem junto do governo que a ADFA sentia a necessidade imperiosa da tomada de medidas, a nível governamental sobre a reabilitação e integração dos deficientes

PRIMEIRA REUNIÃO DE TRABALHO COM O MINISTRO DA DEFESA NACIONAL

No dia 13 de Setembro realizou-se uma (das muitas que se seguirão) reunião de trabalho com o Ministro da Defesa Nacional.

Foi o próprio Ministro de Defesa que começou por abordar alguns dos maiores problemas com que a ADFA se defronta, salientando o facto de a Associação ter sido responsável pela reabilitação e reintegração social dos DFA, tornando-se necessário começar a transferir parte dessa responsabilidade para os organismos oficiais, neste caso a CMRA e a própria CPR. A este propósito os representantes da Associação fizeram sentir a necessidade de a CMRA começar a funcionar em pleno e de acordo com os termos da própria portaria que a cria, indo, aliás, ao encontro das ideias e intenções do próprio Ministro.

Nesta reunião os representantes da ADFA entregaram ao Ministro da Defesa um pedido, por escrito, da prorrogação do prazo da revisão processual, com o qual concordou prometendo emitir um despacho sobre o assunto.

Nesta reunião tratou-se ainda da questão da assistência médica aos deficientes das F. A., da questão da revisão do Estatuto Geral de Aposentações e, como é evidente, sobre a problemática da aplicação e interpretação do Dec.-Lei 43/76 e da necessidade de revisão da redacção do mesmo.

Sobre alguns dos assuntos tratados o coronel Firmino Miguel encarregou a Associação de lhe enviar memorandos e propostas concretas, por escrito a fim de serem analisados na próxima reunião de trabalho que terá lugar na primeira segunda-feira de Outubro (4/10/76).

em Portugal. O major Areias prometeu transmitir ao Primeiro Ministro as preocupações da ADFA.

Os representantes da Associação lamentaram que o Primeiro Ministro não os pudesse receber, pois pretendiam fazer-lhe sentir, directamente, a necessidade de se avançar com uma política global de reabilitação de todos os deficientes, utilizando, para o efeito as estruturas criadas ou previstas como é o valor da CPR (e que deverá entrar em funções imediatamente) e que a ADFA, com todas as suas capacidades e experiência, está disposta a empenhar-se totalmente num esforço nacional que tenha como objectivo a integração plena dos deficientes, pondo termo à marginalização de que continuam a ser vítimas.

Os representantes da ADFA solicitaram ao major Areia que transmitisse ao Primeiro Ministro o interesse e necessidade da ADFA vir a ser recebida pelo Primeiro Ministro num período próximo.

Aguarda-se a continuação do diálogo com o governo. Um diálogo que a ADFA sempre pretendeu e desejou.

(Continua na pág. 8)

NOTICIÁRIO

(Continuação da pág. 9)

DO ESTRANGEIRO

Lin-Piao foram sujeitas a uma ampla crítica de massas e postas em paralelo com os pontos de vista de Confúcio o «sábio das classes reacionárias»: na verdade, tanto Lin-Piao como Confúcio defenderam a obediência cega nos superiores, a moderação e o regresso aos ritos, negando que as massas sejam o verdadeiro criador da história e defendendo que a virtude é um «dom dos céus».

O X Congresso do P. C. C. tem lugar em Agosto de 1973 sob a Presidência de Mao-Tsé-Tung, sendo condenada a linha do Lin-Piao.

1975 — Os operários e camponeses estudam a teoria da ditadura do proletariado.

Após o X Congresso, a China conheceu um novo período de impetuoso desenvolvimento em todos os domínios. Mas a breve trecho começou a soprar o vento de direita que visava pôr em causa as aquisições da revolução cultural e relaxar a ditadura do proletariado.

Aplicando de novo o método de mobilizar as massas, o Presidente Mao dá a seguinte directiva: «Porque disse Lênine que é necessário exercer a ditadura do proletariado? Esta questão tem de ser bem compreendida. Se o não for cairemos no revisionismo. Isso deve ser levado O povo chinês lança-se entusiasticamente no estudo da teoria da ditadura do proletariado. Nas fábricas, nos campos, nos quartéis e nas escolas surgem por toda a parte grupos de estudo teóricos de operários, camponeses e soldados.

Armados da teoria revolucionária do marxismo-leninismo-maoísmo, as massas isolam e desmascaram o seu cabecilha Teng-Siao-Ping destituído pelo partido de todas as suas funções.

9 de Setembro de 1976 — Morre o Presidente Mao. O falecimento do Presidente Mao-Tsé-Tung ocorreu no passado dia nove de Setembro, em Pequim.

A sua morte encheu de luto o coração de todos os trabalhadores do mundo. O Presidente Mao-Tsé-Tung abriu novos rumos e novos horizontes na caminhada dos explorados e oprimidos em direcção à sua emancipação.

O GOVERNO — OS DEFICIENTES

A RESPONSABILIDADE — A REABILITAÇÃO

(Continuação da página 1)

COLOCAR O DEDO NA FERIDA

O Governo coloca o dedo na ferida quando diz que se torna necessária a existência de um «organismo de composição pluridepartamental que planifique, coordene e articule as acções a cargo dos serviços». Não restam dúvidas que esta é a forma mais eficiente de atacar o problema centralizando, num organismo só a responsabilidade pela reabilitação dos deficientes. Até aqui os deficientes começavam por não saber sequer a quem se poderiam dirigir. Andavam de Ministério para Ministério, cada qual dizendo que não era ali.

A CPR (Comissão Permanente de Reabilitação) obra de fachada levantada por Marcelo Caetano continuou com essa mesma função durante os vários governos provisórios. Nunca funcionou, nunca esteve ao serviço dos deficientes, mas os governos tinham a sua justificação, criaram-na no papel.

Podem-nos dizer que acusar é fácil, mas nós respondemos que sentir o que os deficientes sentem, o que nós sentimos, é difícil, mesmo correndo o risco de que nos digam que isto é demagogia. Também nos podem dizer que pretender que se criem de imediato estruturas perfeitas de reabilitação em Portugal e ser-se irrealista. Aceitamos, até porque não exigimos o impossível, a criação do pé para a mão dessas estruturas. Exigimos, sim, que os governantes deste País passem dos decretos e das palavras à prática, que dentro da realidade económica do País, muito conscientemente, se tomem medidas que visem a melhoria da situação dos

deficientes de momento e que essas mesmas medidas sejam os alicerces dessas estruturas mais ou menos perfeitas do futuro. Uma casa não se constrói toda ao mesmo tempo, começou-se pela base, mas é condição necessária que se comece. Com a reabilitação dos deficientes acontece o mesmo, é necessário começar, é necessário desencadear o processo.

A CPR, a que se faz alusão no programa do governo, que deverá entrar em funcionamento um mês após a publicação do Decreto-Lei 425/76 de 29 de Maio, ainda não foi constituída. Não pretendemos acusar o Governo, mas interrogamo-nos:

Porque razão a comissão não entrou já em funcionamento?

Pensamos que a situação económica do País não poderá justificar o protelamento da entrada em funcionamento de uma simples comissão, até porque entre o arranque do seu trabalho até à criação de medidas concretas de reabilitação que envolverão gastos de verbas mediará mais espaço de tempo que, embora se pretenda que seja o mais curto possível, será ainda longo necessário para fazer um inventário das várias actividades existentes sobre reabilitação e proceder a um equacionamento de acordo com as realidades dos deficientes e as realidades do País.

E depois, mesmo que seja necessário começar já a gastar verbas de certo vulto, trata-se de um investimento que, mesmo em termos económicos, se não for rentável já sê-lo-á pelo menos a médio e longo prazo. Todo o capital empregue na reabili-

tação de um homem que consome e não produz, porque para isso não está preparado, será totalmente recuperado quando esse mesmo homem produzir o suficiente para si e contribuir ainda com o seu trabalho para a colectividade. Nessa altura o capital renderá ainda juros avultados.

Mesmo através de uma cínica avaliação capitalista do deficiente e das suas potencialidades podemos chegar à conclusão que a reabilitação compensa. Mas se avaliarmos em termos sociais, morais, em termos de solidariedade humana, em termos de igualdade de direitos, então a reabilitação, para além de compensar, torna-se um imperativo, torna-se uma obrigação do próprio estado e dos governos, uma responsabilidade que não pode ser enjeitada sem se correr o risco de ferir profundamente toda uma colectividade.

É efectivamente o que está a acontecer. Cada dia que passa e que não são tomadas medidas para alterar a situação dos deficientes mais se vai aprofundando e agravando a ferida colectiva, mais os deficientes e os seus familiares se vão convencendo que o estado em que se encontram parece natural e insensível aos governos e às apregoadas justiça sociais. Assim foi antes do 25 de Abril de 1974, assim continuou depois dessa data.

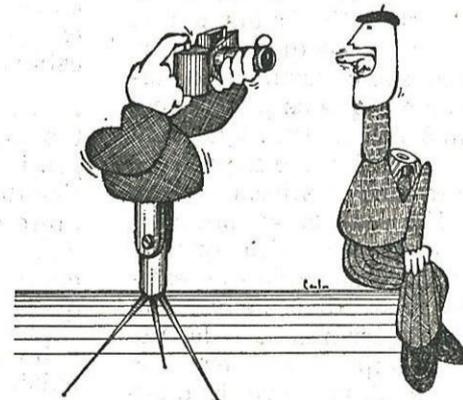
Nos contactos que os representantes da ADFA têm estabelecido com entidades governamentais, e que noutra página deste número se faz referência, têm feito sentir a necessidade e a urgência de se iniciar um trabalho muito sério de reabilitação.

OFICINAS - ESCOLA DA ADFA

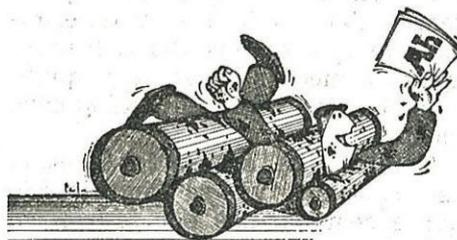
AS OFICINAS - ESCOLA DA ADFA, EM CONTÍNUO DESENVOLVIMENTO E PROJECCÃO, ESTÃO APTAS A EXECUTAR TODOS OS TRABALHOS QUE LHES SEJAM ENTREGUES



OFICINA - ESCOLA DE ELECTRÓNICA
Reparações de rádios, televisores e quaisquer outros aparelhos eléctricos



OFICINA - ESCOLA DE FOTOGRAFIA
Executa todos os trabalhos a preto e branco e também a cores



TIPOGRAFIA - ESCOLA
Executa todos os trabalhos de tipografia e encadernação

JORNAL

ELO

CAMPANHA

DE

DIVULGAÇÃO

E

ASSINATURAS

COLABORA

FORMAÇÃO POLÍTICA

Explorados e Exploradores - III

O materialismo-dialéctico é a teoria geral dos partidos marxistas-leninistas, isto é, dos partidos que seguem a teoria de Marx e mais tarde aplicada na Rússia através da revolução armada dos operários dirigidos por Lénine.

Explicar ao povo português o que é esta Filosofia, o que é o materialismo dialéctico, não é uma coisa fácil e são necessários muitos anos para que o povo conheça a sua teoria a sua Filosofia guiado pela qual ele irá conquistar o poder à burguesia através da revolução armada.

Dialéctica provém da palavra Grega «Dialeto» que significa «conversar» fazer polémica. Na antiguidade entendia-se por dialéctica a arte de descobrir a verdade desvendando as contradições contidas no raciocínio do adversário, desmascarando-o dessa forma.

Há um ditado que diz que se apanha mais facilmente um mentiroso que um coxo porque ele diz por exemplo que no dia 29 de Julho foi a Lisboa ver um filme às 15.30 h. Qualquer pessoa vê que há aqui uma contradição pois nesse dia não podia ter visto um filme a essa hora, pois havia um corte de corrente eléctrica.

Certos filósofos da antiguidade pensavam que a descoberta das contradições no pensamento e o choque de opiniões contrárias eram o melhor meio de descobrir a verdade. Estes modo dialéctico de pensar, estendido ao que se passa com a natureza são eternamente móveis e variáveis. E o desenvolvimento da natureza é o resultado das contradições da natureza.

Por exemplo a água dos rios e dos mares tem uma determinada temperatura, então aparece o calor do Sol que se opõe a essa temperatura e ela evapora-se e formam-se as nuvens, para que as nuvens existam é necessário que não apanhem frio e quando acontece uma contradição, por exemplo, passar uma corrente de ar frio nessas nuvens que lhes altera a temperatura deixam de ser gás e transformam-se em líquido ou mesmo em sólido e caem para a Terra sob a forma de chuva ou granizo. Também qualquer camponês sabe que quando cultiva a terra ela dá sementes, mas por outro lado a terra fica mais pobre.

Toda a gente sabe que um carro anda mas consome gasolina e o material se gasta e que os polos opostos dum imã se repelem. Que uma pilha tem o positivo e o negativo e que se esses não existirem não há corrente eléctrica. E se observarem bem qualquer coisa que se passa na natureza, verão que existem sempre contradições e que sem essas contradições não há vida. Verão que há sempre qualquer coisa que nasce e se desenvolve. E, qualquer coisa que morre e desaparece. É que o que é novo nasce e o que é velho desaparece.

Ao contrário da metafísica, a dialéctica olha a natureza, não como uma acumulação accidental de objectos, de fenómenos separados uns dos outros, isolados e independentes uns dos outros, mas como um todo único, coerente, onde os objectos, os fenómenos estão organicamente ligados entre si, dependentes uns dos outros e condicionando-se reciprocamente.

É por isso que o método dialéctico de pensar considera que nenhum fenómeno da natureza pode ser compreendido se for analisado isoladamente. Ninguém pode imaginar uma couve a nascer no cimento nem um indivíduo ficar sem

uma perna deitado na cama, pelo contrário pensa na couve a nascer numa horta e numa emboscada montada pelo inimigo. Todos nós pensamos numa forma dialéctica no que diz respeito à natureza mesmo que não saibamos as leis químicas que nos explicam o motivo porque uma couve nasce numa horta e não nasce no cimento. A dificuldade está quando queremos passar o que se passa na natureza para o que se passa na sociedade, ou seja, como é que se passa do capitalismo para o socialismo e deste para o comunismo. Como se passou do tempo da Idade da Pedra (Comunas primitivas) para o tempo dos escravos (esclavagismo), deste para o tempo dos reis, dos barões e dos condes, a que se chamavam senhores feudais (época do feudalismo), e deste para o capitalismo. Tudo isto obedece a leis. Isto explica-nos Marx e Engels, através da sua forma de pensar dialéctica.

RESUMINDO O QUE É A DIALÉCTICA?

Ela é como diz Lénine «O estudo das contradições no interior das



coisas» a dialéctica tem várias leis são elas:

1. As coisas na natureza não estão uma para cada lado sem ligação umas com as outras pelo contrário a dialéctica diz-nos que existe um todo único e que coisas estão dependentes umas das outras.

2. Na natureza as coisas não estão imóveis não permanecem sempre iguais, pelo contrário a dialéctica diz-nos que tudo está em constante revolução e desenvolvimento, onde a cada momento qualquer coisa nasce e se desenvolve, e qualquer coisa se desagrega e morre.

3) A dialéctica ensina-nos que existe um crescimento que quase não se nota e a um determinado momento as coisas mudam de qualidade numa forma brusca. Por exemplo quando pomos uma panela com água ao lume, a água começa a aumentar a temperatura, quase sem se dar por isso e em determinado momento (aos 100°), bruscamente começa a ferver e a qualidade da água muda de líquido para gasoso.

Também na sociedade é assim os problemas vão-se modificando quase sem dar-nos por isso e em determinado momento há uma revolução violenta e muda tudo.

4. A dialéctica parte do ponto de vista que os objectos e fenómenos da natureza implicam contradições internas, pois que todos eles têm um lado positivo e um nega-

tivo, um passado e um futuro, todos têm elementos que desaparecem ou se desenvolvem, a luta destes contrários, a luta entre o velho e o novo, entre o que morre e o que nasce, entre o que desfalece e o que se desenvolve é o conteúdo interno do processo de desenvolvimento, da conversão das mudanças quantitativas em mudanças qualitativas é por isso que o método dialéctico considera que o desenvolvimento não se passa como uma linha recta mas resulta da luta dos contrários.

Um camponês quando cava a terra ela opõe-lhe uma dureza e uma luta entre o camponês e a terra que é necessária para que ela possa produzir o trigo o milho e o centeio que nós comemos, se ele plantasse na areia não lhe dava trabalho nenhum, até uma criança com um único dedo podia semear, mas não dava semente, não dava vida.

Numa assembleia geral é da discussão das ideias contrárias que se sabe as conclusões. Na sociedade é através das medidas contrárias que diversos partidos apresentam, da discussão que aparece à volta de tudo isso que o povo vai vendo

quem são os seus amigos e os seus inimigos. É através das contradições que esses partidos apresentam, as contradições entre o que dizem e aquilo que fazem que o povo descobre os verdadeiros amigos dos falsos amigos.

A dialéctica, dá-nos a forma correcta de nós analisarmos, porque existem as greves, elas surgem da contradição entre o que um trabalhador necessita para viver ou seja pagar a renda da casa, a comida, a água, a luz, os transportes, os estudos dos filhos, etc. e o que ela ganha, se não lhe chega, na medida em que todos estes produtos sobem, ele pede mais dinheiro! Se o patrão não lhe dá! Ele luta faz greve, até obter as suas reivindicações.

A esta tese científica marxista-leninista opõe-se às teses idealistas e contra revolucionárias da burguesia, que diz que a crise económica existe por causa das greves quando é precisamente o contrário. As greves existem porque há crise, porque as coisas aumentam. E a crise existe porque a forma de organização social e económica não está de acordo com a maneira como se produzem as coisas, mas essa contradição será analisada num dos próximos artigos para que possamos saber qual o motivo porque existe a crise.

No próximo artigo falaremos sobre o que é o materialismo.

A. M. R.

VIDA ASSOCIATIVA

(Continuação da pág. 6)

TRANSPORTES PRÓPRIOS PARA DEFICIENTES

Entre os vários meios de que os deficientes necessitam e que a sociedade lhe deve facultar para a sua integração sócio-profissional, os transportes desempenham um papel fundamental neste processo e a eles nos temos vindo a referir nas páginas do «Elo».

Na Direcção Geral de Transportes Terrestres chegou a funcionar um grupo de trabalho, de que a ADFA fazia parte, para estudar a adaptação dos transportes para poderem ser utilizados por deficientes. Das conclusões e demarches deste grupo de trabalho nada de concreto resultou. Foram mais uns estudos e uns relatórios a arquivar.

Mas a ideia foi, pelo menos, lançada e tende a ganhar raízes. Assim, as pessoas que têm neste momento responsabilidades na reorganização dos transportes públicos são sensíveis à necessidade de os mesmos poderem também servir os deficientes que se deslocam em cadeiras de rodas.

Assim, a ADFA e a Associação Portuguesa de Deficientes tiveram oportunidade de contactar directamente com um grupo de trabalho da Rodoviária Nacional, integrado por sua vez na CRIMAC (Comissão para a Reorganização da Indústria de Montagem de Autocarros e Camiões), o qual foi totalmente receptivo à ideia de a adaptação dos transportes para deficientes vir a ser encarado pela CRIMAC. Aguarda-se as conclusões dos trabalhos desta comissão.

★ ★



CODEFA

A Cooperativa dos Deficientes das Forças Armadas, de que se tem dado notícia no «Elo» tem já os seus estatutos aprovados e publicados no Diário da República.

No número 38 do «Elo» encontravam-se inseridos esses mesmos estatutos, mas, por motivos que se podem avaliar através dos resultados da última reunião do Secretariado Nacional da ADFA (11 de Setembro) a que se faz referência neste número, não foram publicados.

No próximo número do «Elo» publicaremos os Estatutos da CODEFA e as conclusões de uma Assembleia Geral da Cooperativa que terá lugar no dia 16 de Setembro.

DO ESTRANGEIRO

CHINA

No dia 9 de Setembro o mundo tomou conhecimento da morte do presidente Mao Tsé-Tung que contava 82 anos. O povo chinês viu desaparecer o seu presidente. O «Timoneiro de um grande povo em marcha», o filósofo, o herói da grande marcha, o poeta, o mestre, o revolucionário.

Por todo o mundo as manifestações de pesar sucedem-se. Na China ao ser-se conhecida a morte de Mao foi como se um assombramento tivesse atingido os seus milhões de habitantes.

Talvez não seja descabido lembrarmos as palavras que o presidente Mao pronunciou em Fevereiro aquando da morte de Chu En Lai seu companheiro de armas, seu amigo e seu colaborador.

«Há mortes que pesam como uma pena enquanto outras pesam como uma montanha».

A vida e a obra do presidente Mao são uma arma fundamental para a classe operária e para os povos de todo o mundo. Conhecer-las é conhecer uma experiência riquíssima de luta contra o capitalismo, o feudalismo, o imperialismo. Conhecer-las significa conhecer o maoísmo, o aprofundamento e desenvolvimento da teoria e prática do Marxismo-Leninismo.

BIBLIOGRAFIA

1893 — Nasce a 26 de Dezembro na aldeia de Shao Shan, na província de Hunan. Filho de pequenos camponeses.

1911 — Alista-se no exército de Sun Yat-Sen que derruba o Imperador. No entanto, para Mao não era esta a revolução que embicionava.

1912 — Entra para a escola normal.

1918 — Conclui os seus estudos. Emprega-se como bibliotecário na Universidade de Pequim. Toma parte nas manifestações do 1.º de Maio.

1920 — Casa com Yang Kai Heu.

1921 — Fundação do Partido Comunista Chinês em Xangai, clandestinamente. Mao é nomeado secretário da província de Hunan, pelos 12 congressistas que assistiram ao congresso.

1923 — Sob a direcção de Mao o 1.º de Maio é assinalado na província de Hunan por uma paralização total.

Ainda no mesmo ano realizou-se o 3.º Congresso do Partido. A linha defendida por Mao domina o congresso. Esta linha preconiza que a vanguarda da revolução deve ser o operariado e o seu principal aliado, o campesinato.

1924 — 4.º Congresso do P. C. C. Mao é eleito para o comité central.

1926 — Criam-se as unidades camponesas que reuniam 1 milhão de camponeses.

1927 — Realiza-se o 5.º Congresso que é dominado pela linha oportunista. Aproveitando a fraca direcção do Partido o Koumitang (partido da burguesia) desencadeia forte repressão sobre as massas trabalhadoras.

Em Agosto é criado o Exército Vermelho e em Setembro desenca-

NOTICIÁRIO

deia-se a insurreição armada sob a direcção de Mao.

1929 — «Eliminação das concepções erróneas no seio do partido». Primeira obra de Mao. Sua mulher e sua irmã mais nova são mortas num bombardeamento.

1930 — O exército vermelho encontra-se cercado pelas tropas do Koumitang, muito superiores numericamente (cerca de 300 mil homens). Só ao quinto assalto consegue abrir uma brecha no exército vermelho que foi obrigado a abandonar a base. Início da Longa Marcha.

Casa com Ho Tzu-Chen.

1934 — Inicia-se efectivamente, a Longa Marcha. 12 500 quilómetros percorridos em dez dias, franqueando 18 cordilheiras, 24 rios, e 12 províncias. Durante a «longa marcha» 62 vilas e povoações foram ocupadas pelo exército vermelho. As terras ocupadas, pertença dos latifundiários são distribuídas pelos camponeses pobres.

Instalam-se no Yenan onde lutam contra os invasores japoneses.

1935 — Durante a Longa Marcha, Mao é nomeado presidente do comité político do PCC.

1937 — O Japão ocupa metade da China. O presidente Mao faz uma aliança com o Koumitang e o invasor japonês é expulso pelo povo em armas em 14 de Agosto de 1946.



1940 — Divorcia-se da 2.ª mulher e casa com a actriz cinematográfica Chieng Ching.

1945 — Os seus «Pensamentos» (que atingiram uma tiragem de 750 milhões de exemplares), são considerados como a constituição do Partido.

Encontra-se com Chiang Kai Chek.

1947 — O comité central decide iniciar a ofensiva contra as tropas nacionalistas de Chiang Kai Chek.

1949 — Em 1 de Outubro entra em Pequim onde aclamado por milhares de pessoas proclama a República Popular da China.

Em Dezembro encontra-se em Moscovo com Estaline.

1954 — kruschtchev visita-o em Pequim.

1957 — Assiste ao XX Congresso do P. C. U. S. Krushtchev lança

alguns ataques a Estaline o que lhe valeu o epíteto de revisionista. Nesta altura Mao, que analisou as teses do congresso viu que estas tinham por objectivo a restauração do capitalismo, disse: «O vento Leste prevalece sobre o vento Oeste».

Alertado pelos acontecimentos, Mao elabora a obra, «Sobre a justa solução das contradições no seio do povo», onde é tratada a continuação da luta de classes.

1958 — Criação de comunas populares com vista a aliar e desenvolver o comércio, a indústria e a agricultura, a educação e os assuntos militares. Sanciona o «grande salto em frente» que prevê a consolidação da sociedade socialista rumo ao comunismo.

Em Dezembro após o malogro do II Plano Quinquenal demite-se da chefia do Estado. Mantém-se no entanto na direcção do partido.

1960 — Ao mesmo tempo que Krushtchev ordena a retirada dos técnicos soviéticos e corta todo o auxílio económico à China, os seguidores do «revisionismo» especulam com as dificuldades criadas por catástrofes naturais, levantam-se contra as comunas populares e contra a política do «grande salto em frente» e propugnam a submissão à União Soviética.

Mao mobiliza então as massas populares para contarem com as suas próprias forças e lutarem contra os seguidores de Moscovo e o seu aliado Liu Chao Chi.

1962 — Nunca esquecer a luta de classes na reunião plenária do Comité Central em Setembro, Mao-Tsé-Tung lançou um ataque fulgurante contra a linha divisionista e fez o seu apelo de «Nunca esquecer a luta de classes», advertiu também que a burguesia se esforça por corromper a opinião pública no domínio ideológico e artístico com vista a preparar a restauração do capitalismo. O partido passou à ofensiva no terreno de cultura a qual se encontrava sob controlo dos acólitos de Liu-Shao-Chi.

1963-1964 — O movimento de ocupação socialista.

Desenvolve-se por toda a China o movimento de educação socialista sob a direcção do Presidente Mao o qual assinala: «O alvo principal deste movimento são os dirigentes do Partido empenhados na via capitalista». O Presidente Mao adverte que os quadros administrativos que recusam integrar-se com os operários e camponeses se tornam em burocratas adeptos da restauração capitalista. Por isso os quadros devem participar no trabalho produtivo.

1965-1966 — Começa a grande revolução cultural proletária. A agudização da luta de classes conduz ao desencadeamento da revolução cultural proletária. A qual é uma grande revolução política que o proletariado conduz. Nas condições do socialismo contra a burguesia e todas as restantes classes exploradoras.

1966 — Fogo sobre o quartel da burguesia.

Estimulada pela iniciativa do presidente Mao desenvolveu-se em toda a China a crítica nos seguidores da via capitalista. Aproveitando o facto de Mao-Tse-Tung se deslocar para fora de Pequim com o fim de proceder a inquéritos, Liu-Chao-Chi e os seus partidários, praticam a ditadura sobre os revolucionários proletários e tentam abafar as vozes que os contestam. De regresso à capital o Presidente Mao redige o seu «Bazibao» (Jornal de Parede) «Fogo sobre o Quartel General!», que acusa altos responsáveis do Comité Central de se colocarem na posição reaccionária burguesa e entravaram o impetuoso movimento da revolução cultural proletária.

1966 — A circular de 16 de Maio desmascaram os oportunistas.

A circular de 16 de Maio, redigida sob a direcção pessoal do Presidente Mao, abre-se os pontos de vista da linha oportunista de Liu-Chao-Chi e dá o sinal para o desencadeamento em todo o país de um amplo movimento de massas dirigido contra os seguidores da via capitalista. O Presidente Mao afirma: «Os representantes da burguesia que se infiltraram no Partido, no governo, no exército e nos diferentes círculos culturais são uma súcia de revisionista contra-revolucionárias». E acrescenta: «Alguns desses representantes da burguesia também existem no seio do Comité Central».

1966 — A histórica decisão do Comité Central do P. C. C. sobre a revolução cultural proletária.

No decurso da 11.ª sessão do Comité Central o Presidente Mao-Tsé-Tung estigmatiza e isola a linha de Liu-Shao-Chi e faz aprovar uma série de directivas que devem orientar a revolução cultural.

Ao mesmo tempo torna público o seu caloroso apoio às acções revolucionárias dos Guardas Vermelhos os quais estendem a sua actividade a toda a China.

1967-1969 — Os revolucionários proletários tomam o poder em toda a China.

As largas massas operárias e camponesas destituem os responsáveis contra-revolucionários que sobre elas exerciam a sua ditadura e, sob a direcção do partido procedem à transferência do poder para os comités revolucionários que se baseiam na unidade entre as massas populares, os quadros revolucionários e o exército popular. A linha revolucionária do Presidente Mao triunfa por toda a China. E os divisionistas são implacavelmente criticados e desmascarados. O IX Congresso do P. C. C. que se realiza em 1969, consagra a vitória da revolução cultural.

1973 — Criticar Lin-Piao criticar Confúcio. Logo após o afastamento de Liu-Shao-Chi uma outra linha oportunista encabeçada por Lin-Piao se começou a desenvolver. Careivista sem escrúpulos, Lin-Piao desenvolveu diversos ardis, para alcançar o poder e acabar com a ditadura do proletariado, terminando por tentar um golpe de Estado. Sob a direcção do Presidente Mao o partido resistiu vitoriosamente a todos esses ataques consumando essa nova tentativa da restauração capitalista. As ideias de

DO PAÍS

POESIA

O Grande Prémio Internacional de Poesia, de 1976, foi atribuído ao poeta português Miguel Torga.

Este prémio é mais importante do mundo para a poesia. O seu valor é de 100 mil francos belgas.

Os anteriores galardoados foram: o italiano Giuseppe Ungaretti; o francês Saint-John Perse; o espanhol Jorge Guillen; o mexicano Octávio Paz e o senegalês Léopold Senghor.

O encontro realizou-se em Knokke-Heist, uma estância balnear no norte da Bélgica.

Participaram mais de quatrocentos poetas de mais de 40 países.



MIGUEL TORGA

O júri era constituído por dezanove poetas e críticos de 14 países.

David Mourão-Ferreira (que propôs Miguel Torga) disse acerca do poeta galardoadado na sessão de encerramento daquela XII Bienal Internacional:

— «Miguel Torga é uma das mais poderosas personalidades humanas e poéticas da literatura portuguesa de todos os tempos».

Depois da sua intervenção foram lidos 3 poemas de Miguel Torga em francês e holandeses que foram aplaudidos de pé, pela totalidade dos presentes.

///|*|*|*|///

DOAÇÃO

Na sequência de um acordo de doação assinado em 25 de Maio, entre os governos de Portugal e dos Estados Unidos da América, o embaixador deste país — Frank Carlucci — fez entrega de cinco cheques, totalizando 490 mil contos, ao alto-comissário para os desalojados, tenente-coronel Gonçalves Ribeiro.

Esta quantia faz parte da segunda prestação de 1 063 440 contos que o referido acordo estipula.

A cerimónia de doação efectuou-se nas instalações do Ministério dos Assuntos Sociais, a que assistiram também o ministro Armando Bacelar, representante do Ministério dos Negócios Estrangeiros e alguns retornados.

Durante a cerimónia da doação falou o embaixador Carlucci que disse sentir uma grande honra em entregar aquela quantia em nome

NOTICIÁRIO

do Governo americano para ajuda do Governo de Portugal.

A finalizar o ministro dos Assuntos Sociais, Armando Bacelar agradeceu em nome do Governo a ajuda prestada pelos Estados Unidos.

///|*|*|*|///

BOMBISTAS

A anunciada campanha contra o terrorismo bombista já está em vigor.

As autoridades manifestaram o seu desejo que o desmantelamento e consequente prisão seja levada até às últimas consequências. O capitão Sousa e Castro — porta voz do C. R. — declarou que «quem for culpado será julgado».

Já era altura de se acabar com o clima de terrorismo que tem assolado todo o País com especial incidência no Norte.

Tanto quanto podemos apurar encontram-se detidos no forte de Caxias 16 possíveis implicados de terrorismo bombista. Entre eles encontra-se o major Mota Freitas, comandante da Polícia de Segurança Pública do Porto.

Uma certa celeuma tem sido levantada à volta de Eduardo de Oliveira mais conhecido pelo «Corrécio».

Na altura da sua detenção a mulher teria declarado «Então primeiro mandaram-no pôr as bombas e agora prendem-no?» Desde o primeiro dia de prisão o «Corrécio» nunca negou o seu envolvimento na rede bombista. Julga-se que muitas das prisões são uma consequência das declarações prestadas às autoridades judiciais.

///|*|*|*|///

INVESTIMENTOS

Aumentam consideravelmente os investimentos directos no nosso país.

Segundo números divulgados pela ANOP, os investimentos estrangeiros em Portugal totalizaram, em 1975, 2 684 milhares de contos, o que significa um acréscimo de 61 milhares de contos em relação ao ano de 1974.

Os principais países investidores foram os Estados Unidos da América e a República Federal Alemã.

Apresentamos um quadro das quantias investidas e respectivos países: (em milhares de contos).

- 745 — EUA
- 693 — Alemanha
- 151 — Inglaterra
- 34 — França
- 9 — Canadá
- 2 — Japão
- 194 — Outros países membros da CEE
- 259 — Outros países membros da OCDE
- 597 — Resto do mundo.

///|*|*|*|///

DROGA

Diariamente nos chegam notícias sobre o desenvolvimento que a droga vai tendo no nosso País. De

norte a sul o flagelo da droga estende-se. Descobrem-se plantações nos sítios mais diversos.

Calcula-se em Portugal que hajam cerca de 100 mil drogados na sua esmagadora maioria jovens até aos vinte anos de idade.

O Governo vai tomar medidas que visam combater a droga e os seus inúmeros malefícios. Assim num despacho do primeiro-ministro, o ministro da Justiça, irá coordenar o combate à droga.

No despacho põe-se em evidência a vantagem do «Centro de Estudos da Juventude e o Centro de Investigação Judiciária da Droga sejam dinamizados para que possam desempenhar a função social para que foram criados, no âmbito de um plano conjugado de combate à difusão, comercialização e uso da droga, à recuperação dos seus utentes e à profilaxia da população em risco.

///|*|*|*|///

AUSTERIDADE

No dia 9 do corrente o primeiro-ministro, Mário Soares, fez a sua anunciada comunicação ao País, após um adiamento de vinte e quatro horas.

Tal como os observadores calculavam o dr. Mário Soares falou das medidas de austeridade a que todos os portugueses vamos estar sujeitos.

No seu longo discurso o primeiro-ministro analisou a situação económica nacional. A dívida externa atinge já a soma de 95,4 milhões de contos. A balança cambial apresenta um déficit diário entre os 130 a 140 mil contos.

Como medidas principais a tomar pelo Governo temos:

- Despedimentos com justa causa.
- Proibição de plenários nas horas de serviço.
- Não pagamento dos dias de greve.
- Revogação da lei da unicidade sindical.
- Fixação do horário nacional de trabalho.
- Aumento das contribuições para a Previdência.
- Revisão do salário mínimo (Janeiro de 1977).
- 13.º mês em títulos do tesouro (a partir de 5 contos)
- Pensões e reformas (aumentos nos escalões mais baixos).

///|*|*|*|///

PORTUGAL — CONSELHO DA EUROPA

O Secretariado da União dos Federalistas Europeus (UFE) na sua última reunião decidiu adoptar por unanimidade uma resolução relativa à adesão de Portugal ao Conselho da Europa.

A decisão do secretário da UFE reunido em Amesterdão é do seguinte teor:

«O Secretariado da UFE reunido em Amesterdão em 31/8 e 1/9/76, regozija-se pelo pedido de admissão de Portugal ao Conselho da Europa

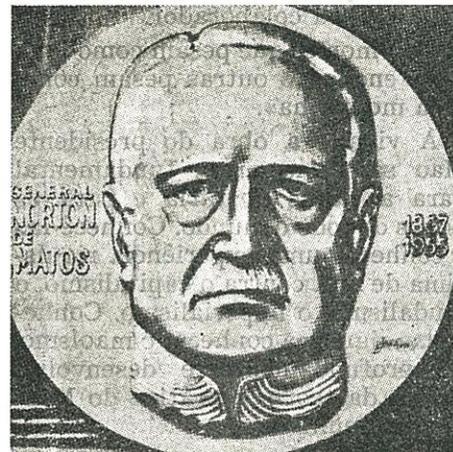
e espera, com confiança, que esta adesão de Portugal possa ter lugar já na sessão de Setembro da Assembleia Plenária.

A UFE considera a adesão de Portugal ao Conselho da Europa como uma confirmação do desenvolvimento democrático deste País e, ao mesmo tempo, como uma ajuda a este desenvolvimento assim como um apoio à própria ideia de democracia.

Esta adesão poderá constituir, por outro lado, um apoio a todas as forças que hoje lutam pela democratização de Espanha».

///|*|*|*|///

NORTON DE MATOS



MEDALHA COMEMORATIVA

Candidato às eleições presidenciais de 1949, o general Norton de Matos desafiaria frontalmente o «estado novo» ao perguntar durante a sua campanha eleitoral se as restrições de direitos de garantias constitucionais eram igualmente aplicadas ao candidato da união nacional».

Tal como sucedeu com o general Humberto Delgado, também o general Norton de Matos foi homenageado publicamente.

Por iniciativa de populares da sua terra natal — Ponte de Lima — foi inaugurado um busto que evoca aquela figura de militar e democrata.

À figura de opositor declarado do regime que Carmona e Salazar representavam — e que o haveria de votar ao ostracismo após a sua «derrota» eleitoral — foram, finalmente, testemunhadas honra e gratidão públicas.

Milhares de pessoas presenciaram o descerramento do busto do general Norton de Matos falecido em 1955.

Muitas entidades da vida política presenciaram igualmente a cerimónia.